



Questão de Justiça

raizman@freixinho.adv.br

Massacre de Realengo

O massacre provocado por Wellington na passada semana tem sido um chamado de atenção para a população em geral e a classe política em particular. Em primeiro lugar, cabe observar que o Wellington não teve, no último tempo, contato familiar; também, que por causa do seu isolamento, constante da sua personalidade, ficou mais vulnerável a influências externas, vindas segundo parece por meio da internet.

Wellington coloca no centro da cena, o paradoxo da sociedade atual em matéria comunicativa. Ao tempo em que as tecnologias avançam no melhoramento das comunicações e do fluxo das informações, as pessoas se isolam e, desde esse ponto, virtualmente se "comunicam" ou se relacionam.

A internet se apresenta assim como um espaço infinito, um mundo virtual, que permite ao internauta se transformar conforme o imaginário ou até se transportar a espaços sub-reais. O aproveitamento positivo ou negativo dessa dimensão dependerá da capacidade individual de ter ou manter consciência sobre o seu lugar no espaço e tempo concreto a respeito daquele proposto no mundo imaginário ou virtual. Quando a distinção das dimensões se perde, o real e o imaginário se confundem, e então os desejos mais ocultos, que anonimamente se disseminam na internet, ganham forma real e desgraçada.

Não se trata de demonizar o espaço virtual, senão de observar que as pessoas devem ter estrutura psicológica para lidar com essa dimensão comunicacional. E nessa ordem, parece que a família deve ser o espaço natural de formação e cuidado, não só para evitar um novo Wellington - que foi, ao seu modo, vítima desse processo, senão em razão de outras formas de vitimização virtual, que formam parte

da agenda político-criminal de outros estados, como por exemplo, a exploração sexual e até tráfico de menores.

Por outra parte, esse caso impõe uma reflexão sobre a violência juvenil, desde diversos aspectos. De uma parte, a escolha do seu alvo tem evidenciado a escola com um espaço de violência e omissão onde o bullying não pode mais ser visto como simples prática tolerável, porém não desejável, nem como simples agressão verbal ou física, comum entre os jovens, ainda que não natural e, conseqüentemente, não censurável.

Com efeito, a falta de correção adequada por parte das famílias e das instituições (uma

vez que estas interagem com as crianças cada vez mais cedo através de creches ou escolinhas) das primitivas e instintivas manifestações de violência, evidenciadas desde os primeiros passos, contribuem para a formação de uma personalidade agressiva, que no futuro encontrará as suas primeiras vítimas, que por sua vez ficarão submetidas ao papel atribuído pela opressão ou se subverterão por meio, também, de práticas de violência. O círculo vicioso é tão evidente quanto a condição da violência de se retroalimentar, culminando nesse micro-espaço com a lei do mais forte, onde não resta espaço para a racionalidade ou civilidade.

Para mudar esse quadro de situação parece imperativo assumir o déficit atual da formação familiar e a necessidade de tomar medidas ao respeito. A escola pode acompanhar, mas não suprir o papel primário da família na formação pessoal.

Em tal sentido, seria ideal uma intervenção social, familiar - seria o ideal - ou institucional, que sem reproduzir o modelo punitivo, procurasse reafirmar valores de respeito e consideração ao semelhante. Por esta via seria possível potencializar a capacidade racional dos envolvidos. Trata-se, pois, de estabelecer o diálogo entre as partes envolvidas, pois os jovens evidenciam, ante a incapacidade de se comunicar, mais e mais o recurso à violência como mecanismo a seguir para a solução de conflitos, onde a forma extrema e mais comum do que parece, apresenta-se como a extinção do outro.

A história de Wellington começou muito antes da trágica da última quinta-feira. No mesmo espaço omisso onde desatou a tragédia, porém, com outros interlocutores que iniciaram esse caldo de cultivo, vitimando a um sujeito que, tempo depois, descarregou de maneira doente sua fúria contra inocentes que nada tinham a ver com o seu passado de violência juvenil. A sociedade e suas instituições não são alheias a esta realidade em quanto se estabelece como paradigma de solução de conflitos o paradigma da guerra ou violência cultural. Para muitos jovens, infelizmente, a morte está mais próxima do que se imagina, como a sombra, então não deve chamar a atenção se de repente ocupa o nosso lugar.

Para mudar esse quadro de situação, parece imperativo assumir o déficit atual da formação familiar e a necessidade de tomar medidas a respeito. A escola pode acompanhar, mas não suprir o papel primário da família na formação pessoal